



BOLETIM INFORMATIVO

Editor: UNAC | Tel.: 21 416016 / 82 300 1875 | Rua da Resistência Nº 1803 | Boletim Nº 77 | Janeiro/ Março | 2023

EDITORIAL

Devido aos recentes eventos naturais, consideramos importante abordar, nesta edição, o fenómeno “inundações”.

Com efeito, uma inundação, de modo geral, pode ser entendida como o resultado da concentração da água de chuva (em excesso), que não pode ser absorvida pelo solo, já saturado, e por outras formas de escoamento, por exemplo, em áreas urbanas impermeabilizadas, onde o fluxo de água segue rapidamente para as baixadas e rios, superando a capacidade de escoamento, e causando transbordos das margens.

Inundações são processos em que ocorre submersão de áreas fora dos limites normais de um curso de águas, em zonas onde habitualmente tal não acontece. E são provocadas, especialmente, por grandes eventos chuvosos, em termos de quantidade e/ou constância.

Para caracterizar com maior exactidão estes cenários de riscos associados ao escoamento das águas das chuvas, o termo inundação difere do termo enchente ou cheia, entendidos como elevações do nível de água, que não ultrapassam a cota máxima do canal e, portanto, não caracterizam um extravasamento.

Por outras palavras, inundações são o resultado da interacção de fenómenos meteorológicos (tempestades repentinas, chuvas con-



UNAC, PRODUZINDO E ALIMENTANDO MOÇAMBIQUE!!!

“35 anos de lutas colectivas, construindo esperança e solidariedade”...

tínuas e intermitentes), hidrológicos (infiltração nos solos, escoamento superficial, porosidade, saturação) e humanos (forma de uso e ocupação do solo, como a urbanização ou impermeabilização do solo); e este último fenómeno, remete-nos à percepção de que, conforme nos comportamos com o meio ambiente, somos (ou podemos ser) todos responsáveis pela ocorrência ou não dos desastres ambientais e/ou climáticos, mormente, as inundações, que

anualmente fustigam e ‘destroem’ o país e o mundo.

Aliás, a ocorrência de inundações tem-se tornado mais frequente a cada ano; e tal facto ocorre, em parte, devido à acelerada ocupação dos solos, sem que sejam tomadas as devidas precauções, que levem em conta os riscos adjacentes, e/ou esboçados e implementados planos concretos de acção de prevenção contra essas catástrofes.

Leia neste número

Maputo hospeda a “Escola Intern. Feminista da LVC” págs. 02-04
Em Inhambane, chuvas intensas deixam sequelas págs. 05-06
Inundações históricas engolem o Distrito de Boane págs. 07-08
Ciclone Freddy fustiga e semeia luto na Zambézia pág. 09

Camponeses Unidos, na Luta Contra o Covid-19

Maputo hospeda a “Escola Feminista da La Via Campesina”



Um dos momentos da Escola Internacional Feminista da La Via Campesina, em Macaneta.

COMUNICADO DE IMPRENSA

ESCOLA INTERNACIONAL FEMINISTA DA LVC-LA VIA CAMPESINA

“Com rebeldia construímos **Feminismo Campeño e Popular**, produzimos **Soberania Alimentar** e nos organizamos contra as crises e violências”.

No âmbito das comemorações do Dia Internacional das Mulheres Trabalhadoras, que se assinala a 8 de Março de cada ano, a UNAC, movimento de camponeses e camponesas do sector familiar, que luta pela participação activa dos camponeses e camponesas, no processo de definição, implementação e monitoria de políticas públicas e estratégias de desenvolvimento, em Moçambique, vai realizar de 7 a 17 de Março de 2023, a **Escola Internacional Feminista da LVC**, a ter lugar em Macaneta, Distrito de Marracuene, Província de Maputo.

A Escola Internacional Femi-

nista é um curso destinado às mulheres camponesas, organizado pela LVC-La Via Campesina, um movimento internacional de camponeses, fundado em 1993, composto por movimentos sociais e organizações (camponeses de pequena e média escala, trabalhadores agrícolas, mulheres camponesas e comunidades indígenas) da Ásia, África, América e Europa, e que tem por objectivo, munir as mulheres camponesas de conhecimentos, capacidades e ferramentas, para as suas lutas, pelo protagonismo feminino, pelos direitos humanos e pela relação existente entre a mulher, a terra, a soberania alimentar e os recursos naturais.

A UNAC é membro e representante da LVC em Moçambique desde 1998.

O evento vai acolher cerca de 80 mulheres camponesas dos quatro quadrantes do mundo, sobre a tónica das comemorações do mês da mulher.

Com efeito...

Arrancou, na manhã do dia 7 de Março, em Macaneta, Distrito de

Marracuene, Província de Maputo, a formação sobre o “Feminismo Camponês”, destinada a mulheres camponesas filiadas à LVC-La Via Campesina, uma Organização Internacional de Camponeses e Camponesas, que coordena as organizações camponesas de pequenos e médios agricultores, trabalhadores agrícolas, mulheres camponesas e comunidades indígenas da Ásia, África, América e Europa.

Espírito do encontro

Durante sensivelmente 10 dias, serão capacitadas cerca de 80 mulheres camponesas, provenientes de 39 países, nomeadamente: Moçambique, Guiné Bissau, Zimbabwe, Portugal, África do Sul, Marrocos, Brasil, EUA, entre outros países dos quatro quadrantes do mundo. E o evento, cujos objectivos estão referidos no **Comunicado de Imprensa**, está alinhado com as celebrações do Mês da Mulher - Março.

Segundo as organizadoras, este evento constitui, igualmente, mais uma oportunidade para as mulheres envolvidas, na medida em que vai permitir o intercâmbio entre as diferentes líderes dos movimentos, que lutam pela defesa das mulheres, em Moçambique, em África e no mundo inteiro.

Objectivo geral da Escola

Como movimento social e com base no pensamento crítico, compreender as chaves do feminismo, examinando a teoria do género e suas ferramentas, para analisar a realidade social e a proposta de interseccionalidade, que amplia as leituras dos múlti-

==>

Em Macaneta, Distrito de Marracuene, de 7 a 17 de Março

Maputo hospeda a “Escola Feminista da La Via Campesina”

==>

plos sistemas de opressão experimentados por mulheres e homens, a partir de suas experiências (de opressão), privilégios, violência e despossessão, e sua relação com a emergência do FCP-Feminismo Camponês e Popular.

Objectivos específicos

- (i). Formar treinadoras para multiplicar os temas da escola nas regiões, países e outros processos mistos de treinamento da La Via Campesina;
- (ii). Aprender sobre as bases teóricas e experiências práticas da luta, que surgiram dentro do movimento feminista em nível global, a partir de perspectivas feministas e interseccionais;
- (iii). Avançar na compreensão e aprofundamento da jornada feminista das mulheres que energizam o FCP dentro da LVC;
- (iv). Trocar as diferentes perspectivas das lutas feministas entre as regiões, a fim de unificar pontos ideológicos comuns e bandeiras de luta compartilhadas. Reconhecer as ferramentas disponíveis para o trabalho concreto;
- (v). Abrir um espaço para o intercâmbio de estratégias de autocuidado, conhecimento - saberes - cuidados.

Partilha de experiências

A Presidente da UNAC-União Nacional de Camponeses, companheira Ana Paula Taucale, disse na abertura do encontro, que a Escola Internacional Feminista é e será um espaço de partilha de experiências, de fortalecimento de lutas para a garantia de alimentação aos povos, e de partilha de visões, com vista à garantia dum sistema alimentar justo e ecologica-



Um dos momentos da grande marcha das mulheres, pelo Dia Internacional da Mulher, 8 de Março.

mente sustentável.

Participantes - convidados

Para além das mulheres camponesas, participaram deste evento, os parceiros de cooperação da UNAC-União Nacional de Camponeses, nomeadamente: a We Effect, a APN-Ajuda Popular da Noruega, a Afrikagrupperna, a representação do governo do Distrito de Marracuene, companheiros e companheiras da coordenação executiva da UNAC, entre outros.

Marcha pelo 8 de Março

Sob o lema “Com rebeldia construímos feminismo camponês e popular, produzimos soberania alimentar, e nos organizamos contra crises e violências”, na manhã do dia 8 de Março, Dia Internacional da Mulher, as mulheres camponesas da LVC, reunidas em Macaneta, e muitas outras que a elas se juntaram, realizam uma marcha alusiva à data (junto à Praça da Independência, na Cidade de Maputo), repudiando as acções que opri-

mem e violam os seus direitos, isto é, os direitos das mulheres - os direitos humanos.

O **Dia Internacional da Mulher** é comemorado a 8 de Março, com o objectivo de celebrar os direitos que as mulheres conquistaram até agora (relembrando o caminho para a igualdade); e enfatizar os que continuam ainda por cumprir, em vários pontos do globo. A efeméride relembra as lutas sociais, políticas e económicas das mulheres.

Origem da data

Não há um evento específico que explique sua origem: a data nasceu de um conjunto de movimentos no final do Século XIX e começo do Século XX, contra as péssimas condições de trabalho, às quais as trabalhadoras eram submetidas. “As mulheres tinham que trabalhar 16 horas por dia, durante 6 dias na semana. Elas eram vigiadas até para ir ao banheiro e até fora do

==>

Maputo hospeda a “Escola Feminista da La Via Campesina”



Na Sala de Trabalhos, num outro dos momentos da Escola Feminista da La Via Campesina.

==>

trabalho. Sofriam um conjunto de abusos e assédio sexual”, explica a Professora e Jornalista Isabelle Anchieta, Doutora em Sociologia pela USP (Universidade de São Paulo), e autora da trilogia “Imagens da Mulher no Ocidente Moderno”. Tudo isso para ganhar 33% a menos do que os homens – algo que ainda hoje se mantém.

Trabalho infantil

Além de reivindicar “o mínimo de dignidade”, elas lutavam também contra o trabalho infantil, já que era comum que até mesmo seus filhos passassem por situações similares.

Mesmo sem explicar a criação da data, o incêndio na fábrica norte-americana trouxe à tona as más condições vividas nas indústrias, pois, em vários países, operárias também enfrentavam ambientes de trabalho semelhantes.

“Data das mulheres”

Conta-se ainda na história sobre o Dia Internacional da Mulher,

que a Professora e Jornalista alemã, Clara Zetkin, foi a primeira a propor, em 1910, a criação de uma “data das mulheres”.

Entretanto, há muitas histórias sobre a origem do Dia Internacional da Mulher, sendo, igualmente, bastante conhecida a ideia de que a data surgiu em homenagem às mais de 100 mulheres vítimas do incêndio na fábrica da Triangle Shirtwaist Company, em Nova York; mas apesar de trágico e simbólico, o ocorrido em 25 de Março de 1911 é posterior a algumas das lutas operárias que culminaram na origem verdadeira. E por conta de todas elas, a Organização das Nações Unidas (ONU), oficializou a data, em 1975.

Alavancar as experiências

Na esperança de que a Conferência Internacional da Mulher alavanque as experiências das mulheres, em termos de produção e de mecanismos para a garantia da soberania alimentar dos povos, o terceiro dia de formação sobre o “Feminismo Camponês” foi marcado por debates

e reflexões em torno de lutas travadas pelas mulheres, durante os 30 anos de existência da LVC-La Via Campesina; reflexões que permitiram avaliar a evolução e o estágio actual do movimento; e desenhar estratégias, com vista ao fortalecimento das mulheres envolvidas na capacitação.

O que é o feminismo?

O feminismo é um dos movimentos sociais que mais cresce no mundo, sendo o seu maior propósito, erradicar as acções e as culturas machistas, e garantir os direitos políticos e sociais das mulheres.

Assim como acontece, todavia, em outros movimentos, o feminismo passou a se dividir em inúmeras vertentes, possuindo, cada uma, recortes e lutas específicas, mas com o mesmo propósito maior.

O **Feminismo Camponês e Popular**, portanto, é aquele que reivindica o campo como lugar e espaço de vida, a terra, os territórios, os bens naturais, o resgate e a valorização da diversidade de culturas e identidades dos povos do campo, - elementos centrais da luta feminista e camponesa.

“Património dos Povos”

“Semente Património dos Povos ao Serviço da Humanidade” é um dos gritos das mulheres da Escola Internacional Feminista da La Via Campesina, que lutam pela defesa das sementes indígenas ou nativas, a nível internacional. “Com as sementes nativas, garantimos a soberania alimentar e o bem-estar dos povos” – dizem as mulheres.

Apolinário Maria Ricardo e Benilde Manjaze, Maputo

Resultantes da primeira passagem, pelo país, do Ciclone Tropical Freddy

Em Inhambane, chuvas acima do normal deixam ‘sequelas’

As chuvas incomuns, resultantes da passagem, pelo país, do Ciclone Tropical Freddy, na Província de Inhambane destruíram residências, infra-estruturas afins e campos de produção, em 9 distritos, designadamente: Vilanculos, Massinga, Morrumbene, Inhassoro, Funhalouro, Homoine, Panda e as Cidades de Maxixe e Inhambane.

Com efeito, ao contrário do que havia sido anunciado pelo Instituto Nacional de Meteorologia, pelo menos na primeira aparição do “Freddy”, não houve tanta ventania, mas choveu torrencialmente, provocando erosão severa, inundações até em zonas onde nunca antes havia enchido, e muita destruição. Na agricultura, em particular, várias culturas foram perdidas (inundadas ou arrastadas).

Associações afectadas

Ana Alexandre Nhampossa, Presidente da UCCI-União de Camponeses da Cidade de Inhambane, deu a saber ao “Boletim Informativo UNAC”, que a chuva que caiu na Cidade de Inhambane, afectou todas as associações filiadas, pois, todas elas estão com as culturas submersas, e as valas de drenagem, com água a transbordar. “Não há nem como escoar as águas, uma vez que por todo o lado, as enchentes continuam” – lamentou Nhampossa, encorajando, entretanto, os companheiros e as companheiras, a levantarem a cabeça e continuarem a lutar.

Esperar com paciência

Dadas as condições desfavoráveis à entrada para as machambas, por causa dos níveis de concentração das águas e de possíveis perigos e/ou obstáculos invi-



Aspecto do efeito dos ventos e chuvas fortes, no Município de Vilanculos. Foto da internet.

síveis, ao fundo, a Presidente da UCCI é da opinião de que os companheiros e companheiras não se arrisquem, e aguardem, pacientes, pela redução natural das enchentes, para só depois, se fazerem a elas. “Conscientes de que praticamente perdemos tudo, só nos resta sabermos esperar, até que haja condições para voltarmos às machambas, ademais, numa altura em que se fala da provável continuação das quedas pluviométricas e de mais ocorrências ciclónicas” – disse.

“A fome está eminente”

Por sua vez, Laura Fernando Cavele, Presidente da UDAC-União Distrital de Camponeses de Vilanculos, epicentro da destruição, lamentou, igualmente, que os camponeses e camponesas locais tenham perdido quase tudo, desde as suas palhotas até às suas culturas e reservas alimentares. “A fome está eminente, no Distrito de Vilanculos, principalmente se não recebermos, em tempo útil, apoios essenciais; porque perdemos toda a produção, e alguns de nós, as próprias residências” – explicou, apelando a quem de direito e/ou de boa-fé, para que olhe por um Vilanculos

devastado e arruinado, tendo em mente o cenário pós-Freddy, sobretudo para os que da agricultura dependem, para a sua sobrevivência.

“Somos fortes e lutadores”

Num outro desenvolvimento, Cavele apelou a quem tenha conseguido salvar algum excedente, para que o partilhe com outros companheiros e companheiras, com vista à sementeira alternativa, logo que as águas baixem. “Apesar do desespero que nos atormenta, somos, por natureza, fortes e lutadores, bastando-nos, portanto, pequenos gestos de solidariedade, encorajamento e incentivos materiais (insumos agrícolas, sementes, etc), para recomeçarmos” – concluiu Cavele, encorajando a todos os camponeses e camponesas afectados(as) pelas crises climáticas, a continuarem lutando contra a fome e a miséria, e lembrando sempre do grito do movimento, segundo o qual “se o camponês não planta, a cidade não janta”.

Unidos sempre venceremos

Por seu turno, o Presidente da

Resultantes da primeira passagem, pelo país, do Ciclone Tropical Freddy

Em Inhambane, chuvas acima do normal deixam ‘sequelas’



Uma das várias crateras criadas pela força das águas, pelos bairros do Município da Maxixe.

==>

UPCI-União Provincial de Camponeses de Inhambane, companheiro Saide Amélia, começou, igualmente, por lamentar a situação que os companheiros e companheiras de quase toda a província, e o país, estão vivendo, para de seguida transmitir-lhes uma mensagem de solidariedade e encorajamento. “Sobre coisas da natureza, ninguém tem poder, se não Deus, mas nós podemos, sim, ser resilientes, e nunca baixarmos a cabeça, perante as adversidades. Portanto, o caminho é para a frente. Camponeses unidos, sempre venceremos” – disse.

Alimentar Moçambique

Continuando, Saide comentou que quase todos e todas não previam que a destruição seria tão severa, em quase todos os distritos. “Como UPCI, temos a noção dos estragos, mas ainda não temos dados concretos, daí que nos próximos dias, assim que as condições o permitirem, enviaremos uma equipa, ao ter-

reno, para proceder a um levantamento minucioso dos danos, e sua posterior avaliação, sobretudo, a nível dos associados. Enquanto isso, encorajamos e confiamos nos nossos companheiros e companheiras, quanto à experiência da transformação dos fracassos em desafios, para persistirmos na nossa missão de alimentarmos Moçambique e os moçambicanos” – referiu.

“Juntos somos mais fortes”

Saide diz esperar que gente de boa-fé se comova com a situação dos afectados pelas enxurradas, e se disponha a apoiá-los a reerguerem-se, contudo, enquanto isso não acontece, cada um ou uma terá que dar o seu máximo, dentro das suas capacidades, para a retomada das actividades produtivas. “Estamos em contacto com as UDAC’s, para vermos se há algumas que conseguiram salvar algumas reservas, com vista à partilha, pelo menos da semente, com aquelas que perderam absolutamente tudo; lembrando que “na luta do povo, nin-

guém se cansa”, e que “juntos somos mais fortes” – terminou o Presidente da UPCI.

“A situação é dramática”

Piedade Mateus, Ponto Focal do Distrito de Inhassoro, contou ao “Boletim Informativo UNAC” que, naquele distrito, também houve muita destruição, sendo que o vento forte que se fez sentir naquele ponto quebrou, inclusive, as estacas de mandiocueiras; e as águas, inundaram as culturas, sobretudo, as hortícolas. “O amendoim está a germinar e/ou a apodrecer nas machambas, sem como resgatá-lo. A situação é dramática. Os camponeses e camponesas perderam tudo” – realçou, e continuou: “Estamos agora trabalhando com as mentes dos afectados, para que não percam as esperanças, na possibilidade de uma melhor produção, a seguir a esta temporada. Até porque está claro que se todos cruzarmos os braços, e apenas lamentarmos, nada e ninguém lutará por nós, e ninguém virá alimentar as nossas famílias”.

Erosão urbana

Directamente do Município da Maxixe chegam ao “Boletim Informativo UNAC”, relatos dum cenário crítico, de erosão severa, que arrastou os solos em direcção ao mar, deixando para trás, enormes crateras e duras marcas de destruição de residências, estradas e infra-estruturas afins, que incluem condutas de água.

Zabir Arrone Saide, Inhambane

Ficha Técnica

“BOLETIM INFORMATIVO UNAC”, Maputo, 31 de Março de 2023, Edição nº 77, Propriedade da UNAC-União Nacional de Camponeses, **Editor:** UNAC, **Endereço:** Rua da Resistência Nº 1803 - Maputo, **Impressão:** GlobalTouch. **Periodicidade:** Trimestral, **Tiragem:** 3000 exemplares, **Nº de Registo:** 041/GABINFO-DEC/2007, **Chefe da Redacção:** Luís Mário Muchanga, **Maquetizador e Revisor:** Apolinário Maria Ricardo. **Colaboraram neste Nº:** B. Manjaze, Z. Saide, P. Chauque, G. Abu Tangata, N. Tembo, etc. **Agrdecimentos:** Afrikagrupperna. **Site:** www.unac.org.mz
UNAC - União Nacional de Camponeses - Sede: Rua da Resistência Nº 1803 - Maputo - Tel.: 258 (21) 416016 - Fax.: 258 (21) 41 60 18 - E-mail: unac@unac.org.mz

Chuvas torrenciais e descargas hidrográficas, na origem do desastre

Inundações históricas quase 'engolem' o Distrito de Boane

No dia 8 de Fevereiro, por volta das 17 horas, no Distrito de Boane, e noutros, da Província de Maputo, caiu uma chuva torrencial, que se transformou em autêntico desastre, a medir pelos seus efeitos e impacto, junto das populações.

A abertura das comportas

Na Localidade de Gueguegue, particularmente, no Distrito de Boane, os camponeses e camponesas contam que uma chuva daquela dimensão não era vista a muitos anos. “As áreas já estavam alagadas mesmo antes da abertura das comportas da Barragem dos Pequenos Libombos, sita no mesmo distrito, e o pior viria a acontecer depois disso” - revelou Salvador Chiau, um dos afectados, ao “Boletim Informativo UNAC”.

Num outro desenvolvimento, o interlocutor do “Boletim Informativo UNAC”, resumiu a ocorrência, nos seguintes termos: “A chuva surpreendeu-nos e afectou-nos. Em curto espaço de tempo, estava tudo ficando inundado, e as famílias se desesperando, sem saber o que fazer, e sem ninguém que as orientasse. Alguns pessoas tentavam, em vão, salvar os seus pertences, retirando-os do interior das casas, mas parecia tarde demais para qualquer tentativa desse género. Era muita água correndo, em muito pouco tempo. Decidimos, então, fazer buracos enormes no muro de vedação da Empresa Hortofrutícolas, próximo da minha casa, para permitir a passagem das águas, e minimizar a situação, pelo menos do nosso lado”.

Abertura das comportas

Enquanto as populações faziam



Imagem da internet, demonstrativa do cenário vivido pelos residentes do Distrito de Boane.

de tudo para controlar a situação, a pressão das águas anulava os seus esforços e iniciativas. Ademais, porque quando menos esperavam (porque não houve, sequer, qualquer alerta nesse sentido), a Barragem dos Pequenos Libombos abriu as comportas, fazendo com que as suas descargas transbordassem o caudal do Rio Umbeluzze, e alagassem, por completo, as habitações e as machambas, em toda a área.

Pessoas sobre telhados

Segundo as informações colhidas pelo “Boletim Informativo UNAC”, houve casos, e não foram poucos, em que as pessoas refugiaram-se em árvores e tectos, para salvar suas vidas. Outras tantas, ficaram sitiadas por longas horas, sem alimento, inclusive, até que o grito de socorro chegasse a outros quadrantes, e começasse a alocação de meios de salvamento, mormente, barquinhos de baixa capacidade. “Nalgumas partes, a água engoliu as casas, noutras, nem tanto, mas atingiu níveis que não permitiram o resgate de culturas e de bens domésticos dos afectados.

A luta era prioritariamente pela vida, e até isso era muito difícil, porque as impiedosas águas haviam cercado vários bairros, condicionando, inclusivamente, as vias de acesso” – comentou uma das vítimas, em anonimato.

Fuga e acções de resgate

Na outra margem do Rio Umbeluzze, a população chegou a ser acolhida pela Empresa FIPAG-Fundo de Investimento e Património do Abastecimento de Água. Milhares de famílias, que saíram em debandada, de suas residências, acabaram indo parar em Centros de Acolhimento, e as que conseguiram sair do cerco das águas, refugiaram-se em casas de parentes, fora de Boane. Algumas pontecas e pontes ficaram submersas ou quebradas, e várias outras infra-estruturas destruídas, soube o “Boletim Informativo UNAC”.

Aliás, junto dos membros da Cooperativa Agro-Pecuária 25 de Setembro, o “Boletim Informativo UNAC” soube que por volta das 23:00 horas do dia 9 de Fevereiro

==>

Inundações históricas quase ‘engolem’ o Distrito de Boane



Processo de resgate de vítimas das inundações, no Distrito de Boane, Província de Maputo.

==>

reio, as águas haviam atingido a estufa de produção de mudas, e já estava totalmente submersa, junto de algumas machambas, à exemplo da do companheiro Chico Cossa, dada a sua localização.

Explosão do PT

Nessa mesma ronda, o “Boletim UNAC” soube ainda que o armazem do companheiro Carlos Massingue havia sido vandalizado pela força das águas, que também inundaram os campos dos jovens camponeses da mesma cooperativa. *“De repente, ouvimos uma explosão. Era o PT-Posto de Transformação do Bairro-Círculo Gimo, que havia sido alcançado pelas águas que, com muita pressão, conquistavam novos espaços a cada minuto que passava”* – comentou outro companheiro.

Activo da Cooperativa

Toda a área da Cooperativa 25 de Setembro, 40 hectares, ficou alagada, incluindo 2 motobombas de 4 cilindros, 2 motobombas da Associação dos Irrigantes de Manguisa, 1 electrobomba dos Irrigantes de PSK, a área da Associação de Massaca, etc,

foram engolidos pelas águas; e a população do Bairro Guegueue e de outros atingidos pela crise (mulheres, homens, crianças), procuravam, desesperadamente, por um abrigo, uns e umas, no Centro Agrário de Umbeluze (que acabou, igualmente, vandalizado pela fúria das águas), e outros e outras, em qualquer que fosse o lugar, desde que relativamente seguro.

Um dos membros da referida cooperativa, explicou ao “Boletim Informativo UNAC” que quando os companheiros e companheiras voltaram às ruínas, ficaram demasiado tristes com o que assistiram. *“Fomos deparar com cobras vivas e outras a flutuarem, animais domésticos mortos (aves, suínos, caprinos, etc.), fezes das latrinas destruídas, corpos humanos flutuando, caixões e/ou cadáveres e ossadas arrastados a partir dos cemitérios locais inundados, vários bens arrastados a partir das residências afectadas, etc”* - explicou.

Chegada tardia de socorro

O Secretário do Bairro 25 de Setembro, é da opinião de que o socorro tardou a chegar; pois, tendo a ocorrência do desastre

iniciado com a queda das chuvas, na tardinha do dia 8, o socorro efectivo só se fez sentir na tardinha do dia 10 até ao dia 11 de Fevereiro. *“Para além da chegada tardia de quem de direito, foi notória e lamentável a falta de meios de salvamento, por parte do INGD-Instituto Nacional de Gestão de Risco de Desastres. A situação demandava, inclusive, meios aéreos, mas só embarcações de pequeno porte e em número muito insignificante, foram alocados a Boane. Valeu a pronta colaboração de voluntários”* - comentou.

Centros de Acolhimento

Durante mais de duas semanas, cerca de 18 mil pessoas afectadas pelo infortúnio, no Distrito de Boane, permaneceram em Centros de Acomodação, onde reclamavam da falta de tudo um pouco. Aliás, dados fornecidos pelas entidades competentes, indicavam para mais de 14 mil pessoas resgatadas, na sequência das inundações e descargas das barragens hidrográficas, na Província de Maputo, com o Distrito de Boane a ser o mais afectado.

Perda de vidas humanas

Dados oficiais apontam para 6 mortes, das quais 4 em Boane, principalmente por desabamento de habitações e electrocução, mas o número real está bem acima disso. *“Estamos neste momento com 36.707 pessoas afectadas, correspondente a 7.354 famílias. Em termos de casas inundadas são 7.354, e os distritos mais atingidos, na Província de Maputo foram: Boane, Moamba, Manhiça e Namaacha”*, informou, na altura, a Presidente do INGD, Sra Luísa Meque.

Pedro Chaúque, Maputo

Descrito como o mais duradouro e o mais longo, da história

Ciclone Tropical Freddy fustiga e semeia luto na Zambézia

O Ciclone Tropical Freddy, que se fez sentir com maior intensidade na Província da Zambézia, entre os dias 11 e 14 de Março, provocou, nesta província, pelo menos 170 mortes e mais de 280 mil afectados, conforme os dados anunciados por S.Excia o Presidente da República, Filipe Jacinto Nyusi, na sua Comunicação à Nação, a partir da Cidade de Quelimane, na tarde do dia 15 de Março.

Outros estragos

Ainda na sua Comunicação, o Presidente da República mencionou a danificação de um total de 7 pontes (sem incluir pontecetas), 2.151km de estradas afectadas, 418 postes de transporte de energia eléctrica tombados, 214 mil hectares de culturas inundados, mais de 65.500 pessoas (equivalente a uma média de 13.500 famílias) afectadas, entre vários outros estragos, que incluem o desmoronamento de habitações, empreendimentos, unidades sanitárias, escolas, etc, como consequências directas da passagem, pelo país, do Ciclone Freddy. *(Estes números poderão subir à medida que se for fazendo o levantamento minucioso dos danos).*

Severa destruição

Na Cidade de Quelimane, de acordo com informações avançadas no dia 12 de Março (antes mesmo do levantamento pormenorizado), pelo Presidente do Município, Senhor Manuel de Araújo, o cenário foi mesmo de severa destruição.

Segundo relatos de Manuel de Araújo, na data, duas pessoas haviam perdido a vida, em desabamentos de casas precárias, outras duas tinham sido apa-



Cenário desolador, vivido pelos cidadãos de Quelimane e não só, com a passagem do Freddy.

nhadas pela queda de uma árvore e a quinta vítima mortal, terá sido surpreendida por uma embarcação atirada para fora do Rio dos Bons Sinais. Entretanto, pelos dados fornecidos pelo Presidente da República, o saldo de perdas humanas, só na Cidade de Quelimane, é bem maior.

Apagão total e falta de água

Monstruosa é a característica encontrada para classificar o rasto de destruição deixado pelo Ciclone Tropical Freddy. O fenómeno natural deixou a Cidade de Quelimane e alguns distritos num apagão total, durante longas horas. Na data, a EDM-Eletricidade de Moçambique falava em mais de um milhão de clientes sem acesso à energia eléctrica. E, para além do número preliminar de mortos até então avançado pelo Edil de Quelimane, mais tarde, as autoridades apontaram para dezenas de feridos e milhares de casas destruídas.

Na mesma senda, a cidade esteve durante dias, desprovida de água potável, comunicações móveis e fixas, serviços bancários e com as vias de acesso condicionadas. E para além de casas e infra-estru-

turas destruídas, a queda de árvores estava a bloquear importantes vias de acesso, para dentro da Cidade de Quelimane, dificultando assim a circulação de pessoas e veículos.

Noite de terror

Populares relataram uma noite de terror vivido na passagem de sábado para domingo, isto é, de 11 para 12 de Março: *“Estamos a sofrer aqui na estrada, a partir de Marungane para lá não tem casa”* – disse uma cidadã ao Jornal DW, no mesmo dia. *“A noite passamos muito mal mesmo, todas as casas já foram embora; a água chegando até à cintura, e desde à noite, não sabemos o que é comer”* – relatou outra.

Um ciclone atípico

O “Freddy” é descrito como “fora do normal” pelos meteorologistas, que o consideram o mais duradouro, e o que realizou uma trajectória mais longa, percorrendo mais de 10.000 km, desde que se formou, no norte da Austrália, em 4 de Fevereiro, e cruzou o Oceano Índico até ao sul do continente africano.

Apolinário Maria Ricardo

Rio Meluli transborda, alaga machambas e destrói estrada

A chuva torrencial que caiu no dia 12 de Fevereiro, para além de alagar as machambas, destruindo culturas, deixou incommunicável, por terra, a Vila-Seedo do Distrito de Larde, na Província de Nampula, devido ao corte da estrada, nos Povoados de Cerema, Macanha e Lalane.

Custos das deslocações

O “Boletim Informativo UNAC” deslocou-se, na mesma data, ao Povoado de Cerema, com o fim de ir testemunhar, não somente o cenário da destruição, mas também o sofrimento e/ou as dificuldades dos automobilistas, nas condições da via.

Com efeito, alguns dos automo-

bilistas particulares, nem sequer se arriscavam, porém, os transportadores semi-colectivos de passageiros, tiravam proveito da situação, encurtando as rotas, e obrigando os passageiros a gastarem mais, pelas ligações. “Por causa dos cortes da via, não temos como fazer o troço completo. E, infelizmente, os passageiros têm que desembolsar o triplo do valor da viagem, devido às interrupções” – comentou um dos transportadores.

Uso de embarcações d pesca

Falando para o “Boletim Informativo UNAC”, Damião da Silva, Secretário do Povoado de Cerema, revelou que nos locais de cortes, os pescadores locais haviam

colocado as suas pequenas embarcações, cobrando valores exorbitantes pela travessia; e contou também que a estrada já havia sofrido com as cheias de 2022. “Quando esta estrada sofreu uma destruição igual, no ano passado, o governo nada fez para reconstruí-la, acrescentando-lhe alguma resiliência, pelo menos nos seus pontos críticos; e o resultado aqui está” – lamentou.

Machambas alagadas

Segundo o Secretário de Cerema, o transbordo do Rio Meluli, levou também consigo as diversas culturas, em mais de 400 ha.

Laurentino Mussaire, Nampula

Comércio fora de mercados, incomoda o governo de Guro



do afrontados, daí que ponderamos recorrer à coersão, até que as visadas se sintam forçadas a cumprirem com as nossas exigências” – advertiu.

Versão das vendedeiras

Numa visita efectuada ao local, pelo “Boletim UNAC”, com a finalidade de aferir a veracidade e a justificação dos factos, este constatou que as visadas estavam mesmo ignorando a medida. “Teimamos em desacatar as autoridades, nesse sentido, porque lá dentro os clientes não entram, sendo que é aqui fora onde se regista o maior fluxo de pessoas” – justificou uma das vendedeiras, em anonimato.

Vendedeiras de vegetais, desafiando a proibição da actividade comercial fora do mercado.

O governo do Distrito de Guro, na Província de Manica, está ficando impaciente com relação ao comportamento das vendedeiras do Mercado Central, sita na Vila do Distrito.

Comércio fora do mercado

Em conversa com o Sr Frederico Artur, Director Distrital de Infra-estruturas, o “Boletim In-

formativo UNAC” ficou sabendo que o “braço-de-ferro” surge da desobediência, por parte das vendedeiras que, contra a orientação do governo, insistem em vender os seus produtos fora do mercado, propiciando um cenário de atropelo à postura urbana, e de acumulação de lixo e mau cheiro, com repercussões na saúde pública. “Estamos nos sentin-

De referir que no Distrito de Guro, a principal base de sustento das famílias camponesas, entre os meses de Dezembro e Fevereiro, é a venda de hortícolas.

Luís Jone Sinagoneca, Manica

No âmbito do Projecto Katagya, financiado pela Rigão Emília-Romagna

MANITese promove a piscicultura, na Cidade de Quelimane

No âmbito do Projecto Katagya, implementado pela Manitese, em parceria com a UPCZ-União Provincial de Camponeses da Zambézia, e financiado pela Rigão Emília-Romagna, arrancou, em pleno mês chuvoso (Janeiro de 2023), a construção dum tanque piscícola, na Comunidade de Inhangome, sita nos arredores da Cidade de Quelimane.

Componentes do projecto

Com vista a ganhar o tempo programado para a actividade, a estratégia adotada pela equipe técnica foi a de constituição de 2 grupos (de participantes), cabendo a um, a missão de avançar com as escavações, e ao outro, a de transmitir a “katagya” (em língua Chuabo, que na língua Português significa “**experiência**”).

Trata-se duma intervenção que fazendo parte dum programa de médio e longo prazo, propõe também várias componentes experimentais, como a agricultura vertical, a produção de biochar, a piscicultura, o activismo juvenil e feminino, etc, tanto para as organizações envolvidas, assim como para a própria cidade.

Período e objectivo

Desenhado para 12 meses de implementação, isto é, de 1 de Novembro de 2022 a 31 de Outubro de 2023, este projecto tem como objectivo: contribuir para a sustentabilidade dos sistemas alimentares, protecção ambiental, e promoção do papel das mulheres, nas comunidades de actuação.

Compromissos do projecto

O “Katagya” compromete-se a dar apoio às associações e co-



Tanque piscícola, em processo de construção, na Comunidade de Inhangome, Quelimane.

munidades locais, com vista à garantia da soberania, segurança e diversificação alimentar, através das práticas agroecológicas e piscícolas. E dentre os seus conteúdos programáticos, relativo destaque irá para a realização de actividades de consciencialização e educação ambiental, e de género, para o reflorestamento de mangais e outras formas e acções de mitigação dos efeitos e do impacto dos eventos climáticos extremos.

Construção do tanque

Em meados do mês de Fevereiro, o “Boletim Informativo UNAC” visitou as actividades em curso, na comunidade acima referida, e era notório o avanço até então dado pelos intervenientes (os técnicos da Manitese e os beneficiários). E já estava sendo escavado 1 tanque terra, com a dimensão de 20x10 metros e 1 metro de altura na borda, que atinge 1,5 metro, cuja finalidade é facilitar o processo de pesca.

Segundo apurou, na ocasião, o “Boletim Informativo UNAC”, a actividade poderá envolver 3 fases distintas, a saber: (i) Abertura do tanque; (ii) Maneio (que é a

fase de ambientação e engorda do peixe); e (iii) Processamento e comercialização do pescado.

A postura dos beneficiários

Segundo o Técnico Aquacultor da Manitese, Sr Laurentino Rui, a dedicação dos beneficiários, trás boas perspectivas para o alcance dos propósitos do projecto, e em tempo real. “*Testemunhei, pessoalmente, a maior entrega e abnegação dos beneficiários do projecto, na Comunidade de Inhangome, e estou feliz com o que vi: muita dedicação, que me leva a prever o sucesso do programa, já que a fase da escavação, que está indo muito bem, é a mais difícil*” – disse o Técnico, para quem os beneficiários estão demonstrando reconhecimento e clara gratidão pelo apoio recebido, na forma como se empenham no trabalho.

Beneficiários agradecem

Por sua vez, Dina Momade, beneficiária, disse reconhecer neste projecto, uma grande oportunidade para as famílias abrangidas, e para a comunidade, em geral. “*Esta nossa comunidade é extensa e conta com muitos mo-*

No âmbito do Projecto Katagya, financiado pela Rigão Emília-Romagna

MANITESE promove a piscicultura, na Cidade de Quelimane

==>

radores, sem oportunidades de emprego, situação que também influencia no abate agressivo de mangais, para o processamento de carvão vegetal, para posterior venda” - referiu ela, sublinhando que através do projecto, muitos e muitas estão aprendendo novas formas de geração de rendimentos.

Para Momade, mais do que melhorar a dieta alimentar, uma vez processado o pescado, será comercializado em vários mercados à volta de Inhangome, trazendo renda para as famílias envolvidas, e benefícios compartilhados, com as demais comunidades. “Agradecemos,

pois, a todos os intervenientes deste projecto, por levarem em consideração o nosso sofrimento, e dedicarem-se a ajudar-nos a minimizá-lo” – concluiu.

O que é piscicultura?

Segundo definição constante do Dicionário de Língua Portuguesa, o termo Piscicultura significa “**criação de peixes**”; todavia, quando relacionada a termos zootécnicos, a piscicultura é a produção de peixes, realizada, em sua maioria, de maneira controlada e em ambientes específicos.

Piscicultura é considerada uma actividade aquícola relativamente nova no ambiente rural, com níveis de produções diferentes e

com uso de diversas espécies aquáticas. É uma actividade praticada há muito tempo, existindo registos de que os chineses já a cultivavam vários séculos antes da nossa era, e de que os egípcios já criavam a tilápia-do-nilo há 4000 anos.

Desafiadora mas lucrativa

A criação de peixes pode ser uma actividade desafiadora, todavia, muito lucrativa e que apresenta bons desempenhos, desde que os conhecimentos e as técnicas necessários sejam devidamente aplicados; mormente, o monitoramento das espécies, desde o nascimento até à maturação.

Gildo Abu Pires, Zambézia

“Com o passar do tempo, fui me apaixonando pela profissão”



Augusto Amisse Assane, o viveirista de Moneia - Larde, apaixonado pela sua profissão.

Augusto Amisse Assane é um companheiro que descobriu nos viveiros, a sua paixão. Vive na Comunidade de Moneia, Localidade de Najaca, Distrito de Larde, Província de Nampula.

Viveirista desde 2018

Aos 3 de Fevereiro, o “Boletim Informativo UNAC” foi ouvi-lo, junto às suas estufas, sobre as

suas experiências de vida, até optar pela actividade de viveirista. “Dedico-me à multiplicação (fomento) de mudas de cajueiros e de citrinos diversos, e gosto do que faço, estimulado pelos resultados alcançados, apesar das várias dificuldades, algumas delas, relacionadas com a constante ocorrência de desastres climáticos, cujo impacto afecta, inclu-

sive, as minhas estufas” – disse.

A paixão pela profissão

Num outro momento, Assane explicou, detalhadamente, como tudo funciona, nas suas estufas, e da paixão com que cuida dos viveiros. “No início, era mais pelas vendas, para o sustento da minha família, mas com o tempo fui me apaixonando pela profissão; e hoje, sinto até orgulho do meu trabalho, sobretudo, quando percebo que já contribuí bastante para o reflorestamento, em meio a mudanças climáticas, cuja lista das causas, inclui o desflorestamento” – explicou.

Assane, que pretende aumentar a produção para 10.000 mudas por lote, conta que graças aos ganhos com a profissão, os seus filhos concluíram o ensino médio, e já vai iniciar com a construção da sua casa de alvenaria.

Laurentino Mussaire, Nampula

Em vários distritos da Província de Sofala

Estiagem/inundações comprometem a Campanha Agrícola

Na Província de Sofala, a seca severa que acompanhou e caracterizou a produção da primeira época da Campanha Agrícola 2022/2023, já está inquietando os produtores.

Na ronda que o “Boletim Informativo UNAC” efectuou, por alguns campos de cultivo, e dos contactos estabelecidos com companheiros de vários distritos da Província de Sofala, foi comum a constatação de que do milho e do amendoim, principalmente, quase nada se pode esperar ou aproveitar.

Tentativa da segunda época

Segundo os produtores agrícolas, a situação terá se agravado com a total ausência das chuvas, durante os meses de Novembro de 2022 e Janeiro de 2023, numa fase em que tanto a cultura do milho, assim como a do amendoim, iniciavam a reprodução. “No mês de Novembro, choveu, e então, semeamos. Germinou e desenvolveu rapidamente, graças à umidade daquelas mesmas chuvas. Quando começava a floração, o sol se intensificou, e tudo secou” – comentou uma das companheiras, para quem os olhos dos camponeses e camponesas estavam postos na possibilidade de garantia de alguma colheita, na segunda época, conforme a queda pluviométrica.

O cenário é abrangente

Em contacto com os companheiros Maria Luís, do Distrito de Cheringoma, e Filipe Arnaldo, do de Nhamatanda, o “Boletim Informativo UNAC” apurou que o cenário era idêntico, em quase todos os distritos. “Devido à falta de chuvas, o milho secou quando começava a dar



Em Sofala, pouco antes das chuvas torrenciais de Janeiro e Fevereiro, o milho estava assim.

espigas, e o amendoim, quando começava também a reproduzir. Agora estamos apostando na preparação dos campos para a época alternativa” – disseram os referidos companheiros, em conversas separadas.

Prejuízos acumulados

Em geral, os produtores agrícolas lamentavam pelos prejuízos acumulados, pois, para além da situação eminente de fome, importa recordar que estes e estas, camponeses e camponesas, suportaram custos com o processo de lavoura, sementeira, etc, sem nenhum retorno, tendo depois que voltar aos mesmos gastos, para mais uma tentativa. “Pedimos, pois, às autoridades competentes, para que nos ajudem, pelo menos com a disponibilização de sementes, sob risco de muitos de nós não conseguirmos nos reerguer, e propiciar, com isso, o surgimento de bolsas de fome, na província, e não só” – referiram.

Época chuvosa e ciclónica

Os bairros da Cidade da Beira, e parte significativa dos distritos da Província de Sofala ficaram,

entretanto, num estado crítico e lastimável, na sequência do alagamento, em resultado das intensas chuvas que se fizeram sentir a partir do dia 26 de Fevereiro, como consequência da primeira passagem do **Ciclone Freddy**, que teve o seu epicentro no Distrito de Vilanculos, Província de Inhambane.

Na data do presente artigo, a situação nos bairros era caótica, com milhares de famílias sitiadas e/ou abrigadas em centros de acolhimento ou em casas de parentes, relatando perdas inestimáveis de bens, casas e machambas destruídas e/ou alagadas, culturas perdidas, etc, para não falar de vítimas humanas.

Rastos de destruição

Relativamente às infra-estruturas danificadas, o “Boletim Informativo UNAC” acompanhou relatos de destruição de estradas e pontes, a exemplo da estrada Beira-Machipanda, entre Mafambisse e Mutua, e o troço Tica-Buzi, na zona da Localidade de Guaraguara, na Comunidade de Buine.

Em vários distritos da Província de Sofala

Estiagem/inundações comprometem a Campanha Agrícola

==>

Segundo dados posteriormente fornecidos pelas entidades competentes, na Província de Sofala, a destruição causada pela tempestade Freddy, no final de Fevereiro, saldava em seis estradas terciárias com circulação condicionada, uma das quais, completamente interrompida; 26 postes de cabos eléctricos tombados, tendo deixado às escuras milhares de cidadãos, e falta de água potável.

As inundações contaminaram as várias fontes rudimentares de abastecimento de água, numa província onde já havia registo de casos de cólera. Por isso, as autoridades reforçaram

a quantidade de químicos usados para purificar a água e garantiram o abastecimento temporário aos centros de acomodação.

Escritório da UPCS alagado

Em contacto com o companheiro Gabriel João da Costa, colaborador da UPCS-União Provincial de Camponeses de Sofala, cujos escritórios se localizam no Bairro da Munhava, o “Boletim Informativo UNAC” ficou sabendo que a área e as infra-estruturas da Organização, estavam completamente inundadas (até no interior dos edifícios), com efeito na vida útil dos equipamentos e consumíveis. “Os documentos e equipamentos que conseguimos salvar, estão sobre as mesas;

porém, em caso de mais chuvas, e conseqüente subida do actual nível da água, aí corre-se o sério risco de se perder toda a documentação e não só” – referiu.

Nos Distritos de Dondo e Nhamatanda, os caudais dos Rios Púngue e Metuchira aumentaram até transbordarem para os campos de produção, inundando as culturas, e a estrada local.

Alertas continuam

Devido à persistência das chuvas e às constantes ameaças de ocorrência de mais ciclones, importa apelar a todos e todas, a abandonem as zonas de risco.

Lucinda Portugal Tomo, Sofala

Transbordo do Rio Zambeze prejudica a produção agrícola



Campos produtivos, situados nas ilhas e nas bermas do Rio Zambeze, completamente inundados.

A subida do caudal do Rio Zambeze, derivada pelas intensas chuvas dos primeiros dias do mês de Fevereiro, trouxe desgosto aos camponeses e camponesas dos Distritos de Tambara, na Província de Manica, Chemba e Caia, na de Sofala, e Mutarara e Doa, na de Tete que, impotentes e sem alternativas, viram as suas culturas sendo

inundadas e arrastadas pela força das águas.

Apelos ignorados

Segundo informações colhidas pelo “Boletim Informativo UNAC”, os governos locais têm estado a sensibilizar, em vão, os camponeses e camponesas a não praticarem as suas actividades agrícolas próximo dos rios, com

o argumento de que é junto dos rios que a produção resulta, sobretudo porque o maior período do ano, é caracterizado pela deficiente queda de precipitação.

Eminente falta de comida

Alberto Lingada, camponês, do Posto Administrativo de Muraça, Distrito de Caia, Província de Sofala, lamenta a total perda da sua produção de arroz, e conta que maior parte do seu investimento, quer seja em tempo, assim como em recursos, foi alocado aos campos com esta cultura.

Por outro lado, os seus campos de milho estão, igualmente, inundados pelas águas; daí que antevê dias negros, na família, caso as águas não baixem a tempo de se resgatar a cultura do arroz (que resiste a inundações), visto que a sua família sobrevive, praticamente, da agricultura.

José Biasse Alfândega, Sofala

Apesar da ocorrência da seca e das chuvas intensas, no país

Perspectiva-se boa produção agrícola na Província de Tete

Apesar da incerteza quase geral dos camponeses e camponesas, relativamente à segunda época da campanha agrícola corrente, devido, sobretudo, aos eventos climáticos, mormente, a seca severa vs intensas chuvas, que estão dando lugar à ocorrência de inundações (depois da queima quase total da produção da primeira época); e os eventuais ciclones tropicais, os companheiros e companheiras dos Distritos de Tete, Moatize, Angónia e Marara, na Província de Tete, dizem-se esperançosos, quanto às próximas colheitas, sobretudo de cereais.

O dilema do Rio Zambeze

Ernesto Razão é um dos companheiros ouvidos pelo “Boletim Informativo UNAC”, e que garantiu que caso a precipitação não passasse muito dos níveis de então (data da reportagem – 28 de Fevereiro), a produção em crescimento, seria boa. “*Já estamos a comer maçaroca de qualidade, amendoim, leguminosas, etc. E se Deus quiser, este ano teremos muita produção*” – disse, lamentando por um cenário provavelmente adverso, nos distritos situados ao longo do Rio Zambeze, onde as águas inundaram e arrastaram as culturas.

Aliás, o companheiro Jacinto Ramos, confirmou tal pensamento, nos seguintes termos: “*Ao longo do Rio Zambeze, onde muitos camponeses e camponesas recorrem às ilhas para praticar a agricultura, a exemplo dos Distritos de Mutarara e Doa, toda a produção se foi com as águas; e não se espera quase nada, num futuro breve, visto que as águas continuam lá, e tudo indica que não*



Camponeses e camponesas de alguns distritos de Tete, esperam produzir satisfatoriamente.

haverá condições, pelo menos em tempo útil, para se retornar à actividade agrícola, nas referidas ilhas” – juntou.

Enquanto isso...

Os Distritos de Zumbo, Marávia, Macanga, mantêm armazenadas grandes quantidades de milho da campanha passada, devido à falta de mercado, com agravante das vias de acesso não favorecerem o processo de escoamento. “*Pior o Distrito de Zumbo, onde o milho está a apodrecer nos celeiros, visto que no ano passado, produziu-se muito milho e não se vendeu, praticamente, devido a vários constrangimentos, dentre os quais, a deficiência das vias de acesso*” – comentou o companheiro Astone Machaisse, Presidente da UDAC-Marávia, ecoando o pedido dos camponeses e camponesas, por uma estrada entre a Cidade de Tete e o Distrito de Zumbo. “*Muitos cereais estão a apodrecer, ou vendemos aos zambianos, a preços que não nos compensam*” – disse.

Conflito Homem-Animal

Em vários distritos da Província de Tete, e à semelhança do que

acontece em quase todo o país, o conflito entre o Homem e a fauna bravia é sim uma realidade.

O “Boletim Informativo UNAC” tem estado a acompanhar e a publicar relatos tristes de companheiros e companheiras de diferentes pontos da Província de Tete, sobre o fenómeno da invasão e devastação impiedosa de culturas diversas, sobretudo por Elefantes. “*Aqui nos distritos situados ao longo do Rio Zambeze, Changara e Doa, por exemplo, há sempre algum fenómeno atrapalhando o bom curso da actividade agrícola. Quando não são os efeitos combinados das mudanças climáticas (inundações, seca, pragas), são os paquidermes a alimentarem-se da nossa produção, deixando por terra, o nosso esforço e as nossas esperanças*” – contam.

A falsidade das promessas

No caso particular do Distrito de Doa, o “Boletim UNAC” soube da ocorrência constante, também, de pragas cíclicas de aves que, em grandes bandos, sobrevoam as machambas e atacam as cultu-

==>

Apesar da ocorrência da seca e das chuvas intensas, no país

Perspectiva-se boa produção agrícola, na Província de Tete

==>

ras, principalmente, de mapira e mexoeira. “Já falamos com o governo do distrito, com vista a alguma solução para o fenómeno, contudo, até aqui ainda não vimos nada acontecendo, e que passe das falsas promessas” – comentou o companheiro Cristiano Domingos, Presidente da UDAC-Doa.

Educação Nutricional

Na Localidade de Benga, Distrito de Moatize, teve lugar, recentemente, o Lançamento da Campanha de Educação Nutricional, que constitui parte dos esforços combinados, para o combate à desnutrição crónica, que afecta, sobretudo, crianças

menores de 5 anos de idade.

Presidida pela Sra Odete Naftal, Directora Provincial de Agricultura e Pescas de Tete, em representação do Governador da Província, Sr Domingos Viola, a cerimónia, participada por centenas de camponeses e camponesas, compreendeu várias etapas, dentre as quais, a realização duma feira de produtos agrícolas, liderada pela UPCT-União Provincial de Camponeses de Tete, sendo ela a guardiã dos produtores de comida, na província.

Mudança de mentalidade

No momento do discurso, Naftal exortou aos presentes e não só, a se empenharem na luta comum

contra a desnutrição crónica, em crianças. “Criança mal-nutrida entre zero e 2 anos, dificilmente desenvolverá todas as suas capacidades motoras e intelectuais, daí que devemos nos preocupar e esforçar, para que não tenhamos em nossas famílias, crianças com esse tipo de problemas, que podem levar a graves doenças e à morte” – explicou a governante, lamentando que famílias com grandes criações de aves, ou de gado, não tenham a tradição do consumo de ovos, ou de leite, ou de carne, etc, ou de venda de parte da criação, com vista à melhoria da dieta alimentar na família.

Nelson Guilherme Tembo, Tete

Efeitos da passagem do Ciclone Freddy, visíveis em Maputo



Tentativa de resgate de algumas ramas de batata-doce, para a (re)plantação pós-cheias.

As chuvas intensas e o efeito, ainda que de longe, da primeira passagem da depressão tropical Freddy, afectaram, igualmente, os produtores agrícolas do Distrito de Marracuene, Província de Maputo, em consequência directa da subida do caudal do Rio Incomati.

O “Boletim Informativo UNAC”

conversou, a esse propósito, com alguns dos afectados, na Localidade de Matalane, que lamentam ter assistido, impotentes, ao alagamento e arrasto de suas culturas.

O desespero é total

Lili Bila, que diz depender unicamente da agricultura, para a sua sobrevivência, lamentou a

perda, nos seguintes termos: “A minha machamba nunca antes tinha sido atingida pelas inundações, mas desta vez não escapou”. Continuando, Bila referiu que a única alternativa agora é conseguir-se barcos para se tentar resgatar as culturas de banana, quiabo, e ramas de batata-doce, do outro lado das águas. “Pelo menos servirão para recomeçarmos, visto que na situação em que ficamos, até para termos semente e mudas, será difícil” – concluiu.

“Não sei o que fazer”

José Mbalana, pai de 7 filhos cujo suporte depende das colheitas, está preocupado com o futuro, pois, com todas as suas culturas perdidas, não sabe como sustentará a sua família. “Dos meus 6 hectares de batata-doce, apenas consegui salvar menos de meio hectare” – disse.

Luísa França Magaia, Maputo

Em caso de necessidade, na sequência da entrada para a época chuvosa e ciclónica

Cruz Vermelha, em Chemba, prepara-se para a intervenção

A Cruz Vermelha de Moçambique, no Distrito de Chemba, Província de Sofala, envolveu-se, recentemente, em acções de programação, definição de estratégias e reorganização dos postos de trabalho.

Prevenir pra não remediar

Domingas Saene, representante da Organização (Cruz Vermelha), no Distrito de Chemba, convocou para uma reunião de emergência, todos os membros e/ou intervenientes relevantes, para uma consertação de agendas de intervenção, em virtude das prováveis demandas, em resultado das quedas pluviométricas acima do normal, acompanhadas da necessidade de prestação de assistência, sobretudo humanitária, às vítimas, e/ou de acções de prevenção e mitigação dos efeitos. *“Estamos na época chuvosa, momento em que temos que redobrar as atenções e esforços, para que não registemos fatalidades. E além de acções de salvamento, caso se mostre necessário, temos que lembrar também que nesta época, surgem doenças diarréicas, cólera, malária, e similares, daí que tenhamos que criar postos de atendimento, com pelo menos 2 activistas e 1 supervisor, para fazermos face a quaisquer eventualidades”* – disse.

Turvação das águas

Num outro desenvolvimento, Saene falou dos dados então divulgados pela RM-Rádio Moçambique, sobre a situação da eclosão da cólera no distrito vizinho, Caia, e das inundações do transbordo do Rio Zambeze, cuja turvação das águas, trouxe a necessidade do tratamento



Pessoal da Cruz Vermelha de Moçambique, em Chemba, delineando estratégias de intervenção.

(cloração) da mesma, para o consumo humano.

Enquanto isso...

Os membros do Conselho de Direcção da UPCS-União Provincial de Camponeses de Sofala, levaram a cabo, recentemente, um programa de visitas às UDAC's-Uniões Distritais de Camponeses, começando por Gorongosa.

Para além da companheira Chica Richard Madisson, Presidente da UPCS, completavam a comitiva, a Vice-Presidente, o Secretário, um dos companheiros da coordenação executiva e o representante dos jovens camponeses.

Rota e objectivo da missão

Na UDAC-Chemba, a Presidente da UPCS explicou que a visita às bases, visava medir o pulsar do movimento, auscultando o seu dia-a-dia. *“Estamos visitando as UDAC's situadas à norte da Província de Sofala, e Chemba é o terceiro distrito a receber-nos, depois de Gorongosa e Maríngue. Daqui passaremos para Caia. E temos como objectivo das visitas, a actualização de informações e dados sobre o*

funcionamento e as actividades levadas a cabo pelos companheiros e companheiras. O plano inicial destas visitas, incluía os Distritos de Marrromeu, Cheringoma e Muanza, mas por imperativos de agendas, teremos que interromper e prosseguir em outras ocasiões” – explicou.

O quotidiano da UDAC

Em jeito de resposta, o companheiro Ernesto Nhambo, Presidente da UDAC-Chemba falou, em breves palavras, do historial do movimento de camponeses e camponesas no distrito, passando pela génese da constituição da UDAC, até ao dia-a-dia de funcionamento desta, os seus membros (homens, mulheres e jovens), etc. *“Tivemos a desgraça da perda, por morte, do Vice-Presidente e do Presidente da Mesa da Assembleia, contudo, ainda não realizamos a assembleia que dentre outros assuntos, elegerá companheiros e/ou companheiras para os cargos deixados vagos”* – disse.

Questões organizacionais

Continuando com o uso da pala-



Em caso de necessidade, na sequência da entrada para a época chuvosa e ciclónica

Cruz Vermelha, em Chemba, prepara-se para a intervenção

==>

vra, Ernesto Nhambo trouxe ao conhecimento dos visitantes, os seguintes relatos: “*Em termos organizacionais, temos actualmente 9 associações activas, depois que boa parte de outras, por várias razões, deixaram de funcionar como tais. As 9 associações são constituídas por um total de 236 membros, dentre os quais, 136 mulheres. E a produção vai bem, apesar de pragas, dos efeitos das mudanças climáticas e do conflito homem-animal*”.

Mais adiante, Nhambo explicou que a UDAC estava num processo de sensibilização dos membros, com relação à necessidade

de pagamento regular das quotas a todos os níveis, isto é, do membro individual para a associação, e desta para a UDAC, que por sua vez pagará à UPCS.

Recomendações finais

No final, Madisson apelou à liderança da UDAC, para que redobre os esforços, na mobilização dos companheiros e companheiras, para a sua (re)adesão ao movimento, reactivando as associações desfalecidas e constituindo outras, reconhecida a grandeza geográfica do distrito, para apenas 9 associações. “*Estamos felizes com o que vimos e ouvimos, mas esperamos por melhorias assinaláveis até à nossa próxima vinda, sobretudo no que tan-*

ge à consolidação do associativismo, quantitativa e qualitativamente; ao aumento dos níveis de produção e produtividade, apesar das adversidades climáticas e do crónico conflito entre o Homem e a fauna bravia. E esperamos também encontrar, na nossa próxima visita, muitas mais mães focais e mais jovens camponeses, filiados ao movimento” – concluiu.

Promessas de melhorias

Reagindo aos apelos e recomendações deixados pela Presidente da UPCS, o companheiro Nhambo prometeu acelerar as mudanças, com vista aos resultados.

José Biasse Alfândega, Sofala

Camponeses de Malema realizam feira de sementes locais



Foto de arquivo, duma feira (e trocas) de sementes nativas, na Província de Nampula.

O Distrito de Malema é considerado o celeiro da Província de Nampula, e a UDAC-União Distrital de Camponeses realizou, recentemente, uma feira/ exposição e trocas de sementes nativas, na zona de Nipuro, Vila-Seedo do distrito, como parte do projecto de resgate e multiplicação de sementes e de material vegetativo local, levado a cabo

pela UNAC-União Nacional de Camponeses, desde 2019.

“Património dos povos”

No evento, que contou, inclusive, com a presença de representantes da UPC-União Provincial de Camponeses de Nampula, o Administrador do Distrito, Sr Moxito Daudo Momade, afirmou que Malema era o epicentro

de produção e comercialização de produtos agrícolas, ao nível da Província de Nampula, e que, por isso, os produtores ressentiam-se, muitas vezes, da falta de mercado para a sua abundante produção. Mais adiante, o governante congratulou o movimento camponês, pela iniciativa de resgatar as sementes nativas, “património dos povos, ao serviço da humanidade”.

Exposição e trocas

No âmbito da implementação do projecto, algumas das variedades de sementes nativas que estavam desaparecendo, estão sendo resgatadas, partilhadas e multiplicadas, pelos camponeses e camponesas, filiados ao movimento. E para acelerar o processo de multiplicação, uma das estratégias usadas, tem sido a da realização de feiras e trocas, entre os produtores agrícolas.

Laurentino Mussaire, Nampula

Valetas mal-construídas, despejam suas águas nas machambas, e inundam-nas

Associações do Município de Maputo, somam prejuízos

No final do mês de Fevereiro, o “Boletim Informativo UNAC” conversou com o Presidente da União de Camponeses da Cidade de Maputo, companheiro Tomás Rafael Guirruogo, sobre os estragos provocados nas machambas dos membros, pelas intensas chuvas registadas justamente durante o mês.

O problema das valetas

O companheiro Tomás Guirruogo lamentou que as recentes enxurradas e inundações tenham somado estragos e prejuízos incalculáveis, tanto nos camponeses e camponesas do Distrito Municipal de Kamavota, assim como nos do de Kamubukwane. “Das informações preliminares que tenho, as associações mais afectadas foram: “Eduardo Mondlane”, “Samora Machel”, “Armando Guebuza”, “Joaquim Chissano” e “Graça Machel”, isso porque aquando da construção da Avenida/ Rua da Igreja, o empreiteiro colocou valetas direccionadas àquelas associações, que se situam ao longo da mesma, sendo que quando chove, estas (valetas) despejam as suas águas directamente nas machambas” – explicou, lamentando tal situação, que já foi reportada, segundo ele, a quem de direito, sem resposta positiva até à data.

Sem dados numéricos

Em termos da dimensão das perdas, Guirruogo disse esperar reunir tais dados, brevemente, visto que na data da reportagem, as chuvas continuavam a cair. “A seguir às primeiras chuvas, tentamos juntar dados dos prejuízos, entretanto, vieram as segundas chuvas e mais outras e, praticamente,



São valetas destas, direccionadas às machambas, que propiciam os estragos a estas.

invalidaram os dados que já tínhamos. Por isso, achamos prudente esperarmos até ao fim da época chuvosa, para duma só vez, sintentizarmos os danos” – disse.

Esperança de boa colheita

Para Guirruogo, infelizmente, estas ocorrências de enxurradas, com destruição severa de culturas, não é novidade para os produtores agrícolas das zonas baixas da Cidade de Maputo, dadas as condições geográficas e climáticas locais, agravadas pelas ocupações urbanas descontroladas, pela saturação dos solos e, no caso aludido, pela construção da estrada, que não teve em conta a situação das machambas e residências situadas ao longo e nos pontos de despejo das referidas valetas. “Infelizmente, não temos o que fazer perante estas situações, pois, nos ultrapassam. Temos, aliás, convivido com isto, quase que anualmente. O lado positivo desta ocorrência de chuvas, é que esperamos por muita produção de hortícolas na campanha que se avizinha, porque em anos sem muita chuva, a água se esgota cedo, e até os me-

ses de Junho/ Julho, nos ressentimos da escassez deste precioso líquido; e já que a nossa rega depende do lençol friático, aí a coisa se complica” – completou.

Retoma das reuniões

Num outro momento da conversa, o Presidente da União de Camponeses da Cidade de Maputo falou da retomada das reuniões periódicas da Organização, interrompidas aquando da eclosão da pandemia da Covid-19. “Nos últimos anos, só fazíamos encontros pontuais, de reduzido número de participantes, para analisar assuntos relevantes e/ou urgentes, como por exemplo, situações de conflitos de terra, que são frequentes por aqui, e outros problemas cuja gravidade demandava alguma urgência na resolução. Agora, é que estamos para retomar as reuniões normais” – garantiu, lembrando que a Cidade de Maputo conta com pouco mais de 14 mil produtores agrícolas, muitos dos quais associados, daí, a necessidade de consertações pontuais, periodicamente.

Fortunato Comé, Maputo

Preçário do milho, dispara, em Lichinga

Cidadinos de Lichinga, capital da Província de Niassa, queixam-se da subida galopante do preço de milho em grão, provavelmente, devido à sua escassez.

Comparação de preços

O “Boletim Informativo UNAC” ouviu tais reclamações, inclusive de companheiros e companheiras que depois de esgotarem, precocemente, as suas reservas, alguns devido à venda irresponsável no período pós-colheita, e outros, por várias outras razões, recorrem agora ao mercado para a reposição do produto.

Na sequência, o “Boletim Informativo UNAC”, deslocou-se até aos mercados de maior fluxo, na Cidade de Lichinga e no Distrito de Mandimba, e constatou que,

em Lichinga, a lata de 20l, que por estas mesmas alturas, no ano passado, custava 250,00MT, agora está a 550,00MT, e o saco de 50kg, que custava 750,00MT, agora está a 1.650,00MT.

Já no Povoado de Mitande, em Mandimba, a lata de 20l, que em tempos de abundância do milho custa 200,00MT, está agora a 650,00MT, e o saco de 50kg, a 1.950,00MT, contra os 750,00MT do período de pico.

Espera-se que volte a baixar Companheiros e companheiras então ouvidos, chegaram mesmo a dizer que em períodos de saturação do mercado, o milho chega a baixar até aos níveis de 200,00MT a lata e 550,00MT o saco.

Amina Adamo Saíde, Niassa

QUANDO A INTELIGÊNCIA VALE MAIS QUE A FORÇA!...

Um velho congolês mandou uma carta ao seu filho, que se encontrava preso, acusado de roubo de dinheiro. Na carta, **o velho dizia:**
- Meu filho, lamento informar-te que este ano não poderei plantar mandioca, porque não me sinto com força para limpar o terreno. Tu que me ajudavas na lavoura, não estás aqui comigo!

O filho, então, respondeu:

- Papai, é melhor não pensares em limpar esse campo, por enquanto, porque é aí onde enterrei o dinheiro que roubei.

A polícia, que bisbilhota a correspondência entre os detidos e seus familiares, depois de ler esta carta, foi muito cedo para o campo do velho, e cavou-o todo, sem deixar sequer um cantinho intacto. Não houve nenhum lugar onde a mão, a enxada e a picareta não passaram, procurando pelo dinheiro, que

nunca tinha sido lá escondido.

No dia seguinte, o filho enviou outra carta ao pai, na qual dizia:

- Agora já podes plantar a mandioca. Mandar limpar a tua machamba, foi o melhor que consegui fazer por ti, a partir daqui, da prisão!

E o pai respondeu:

- Ohh, meu filho.. Muito obrigado! Tu és realmente muito poderoso. Mesmo a partir da prisão, tu conseguiste ordenar que a polícia trabalhasse para mim.

Fiquei surpreso ao ver até o chefe das operações e toda a sua equipe, segurando enxadas, pás e picaretas, e limpando valentemente a minha machamba. Vou te mandar outra carta no período da colheita!

Autor desconhecido.

Adaptado por

Apolinário Maria Ricardo

Em jeito de fecho...

No CDR-Campo de Demonstração de Resultados, sita no Posto Administrativo de Zómbue, Distrito de Moatize, a UPCT-União Provincial de Camponeses de Tete, está assistindo os companheiros e companheiras, e registando bons resultados, nos ensaios de culturas e de técnicas agrícolas.

Com efeito, o CDR possui 4 parcelas, sendo 1, de milho (coberto, por razões de hábito, visto que a questão de cobertura morta fica ao critério do produtor); 1 de consociação de milho e feijão nhemba; 1 de amendoim (para efeitos de rotação de cultura, com a parcela de milho); e a última, chamada “parcela do camponês”, onde cada um ou uma replica o que habitualmente faz e como faz em seus campos, de modo a proporcionar a avaliação e/ou verificação das diferenças entre essa sua produção e a das restantes parcelas, e a consequente decisão sobre as culturas e as técnicas a adotar.

Alberto Alberto, Tete

Aquando do lançamento da Campanha de Educação Nutricional, na Cidade de Tete, a Directora Provincial de Agricultura e Pescas, Sra Odete Naftal, revelou que a Província de Tete está agora com 34% de índice de desnutrição crónica, em crianças, de zero aos 2 anos de idade. E apelou aos camponeses e camponesas, a não produzirem para vender, mas, principalmente, para se alimentarem adequadamente, a si mesmos, e aos seus filhos, sobretudo menores.

A companheira Febi Aço, lamentou, na ocasião, que apesar das evidências, muitas famílias continuam se desleixando do básico, preferindo acumular dinheiro, em vez de cuidar da vida das crianças. “*Nós, mulheres, o que fazemos a este respeito? Pouco ou nada! Quando colhemos, vendemos tudo para acumular dinheiro, e alimentamos mal as nossas crianças*” – lamentou, apelando à mudança de mentalidade.

Nelson Guilherme Tembo, Tete